REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
JULHO A SETEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 59
PROCESSOS E REGISTROS EM ARTE:
AÇÕES DO COTIDIANO EM REFLEXÃO

QUEM É NÓS? EMANCIPAÇÃO E IMPACTO COMUNITÁRIO VIVENCIADOS PELO NÓS DO AUDIOVISUAL

WHO IS WE? EMANCIPATION AND COMMUNITY IMPACT EXPERIENCED BY US AT AUDIOVISUAL

Ruy Alkmim Rocha Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, RN/Brasil

Joane Dos Santos Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, RN/Brasil

Resumo: O artigo descreve e analisa a experiência do Coletivo Nós do Audiovisual, que completou 10 anos de atuação em 2023. Reunindo jovens de São Miguel do Gostoso, município no litoral do Rio Grande do Norte, surgiu em decorrência da Mostra de Cinema de Gostoso, evento voltado para a exibição, discussão e formação cinematográfica. Como estratégia metodológica, foi feito um estudo descritivo adotando como instrumentos a entrevista em profundidade com membros do coletivo, a observação participante, a análise de textos produzidos no blog e nas páginas do festival, bem como o levantamento da produção audiovisual dos integrantes. Como referências teóricas, foi estabelecido diálogo com Amaranta Cesar e Juliana Muylaert, que analisam a trajetória dos festivais Cachoeira Doc e É tudo verdade; com Albino Rubim sobre políticas culturais e, também, Valéria Silva e Joane Araújo, para refletir sobre a experiência dos coletivos juvenis. Como resultado observa-se que as vivências, diálogos e imersões no audiovisual, contribuíram para estimular jovens lideranças, engajadas no fazer artístico. Ingressando em 52 oficinas, os indivíduos tiveram oportunidades de buscar a emancipação e gerar impacto comunitário. As 10 edições da Mostra de Cinema de Gostoso configuram-se como um laboratório da experiência cinematográfica para o Coletivo Nós do Audiovisual e para outros jovens realizadores.

Palavras-chave: Cinema. Audiovisual. Teatro. Coletivos culturais.

Abstract: The article describes and analyzes the experience of Coletivo Nós do Audiovisual, which completed 10 years of operation in 2023. Bringing together young people from São Miguel do Gostoso, a municipality on the coast of Rio Grande do Norte, it emerged as a result of the Gostoso Cinema Exhibition, an event focused on exhibition, discussion and cinematographic training. As a methodological strategy, a descriptive study was carried out using in-depth interviews with members of the collective, participant observation, analysis of texts produced on the blog and festival pages, as well as a survey of the members' audiovisual production. As theoretical references, a dialogue was established with Amaranta Cesar and Juliana Muylaert, who analyze the trajectory of the Cachoeira Doc and É tudo Verdade festivals; with Albino Rubim on cultural policies and development and also Valéria Silva and Joane Araújo, to reflect on the experience of youth collectives. As a result, it is observed that the experiences, dialogues and immersions in audiovisual contributed to stimulating young leaders, engaged in artistic creation. By joining 52 workshops, individuals had opportunities to seek emancipation



and generate community impact. The 10 editions of the Gostoso Cinema Exhibition are configured as a laboratory of cinematic experience for Coletivo Nós do Audiovisual and other young directors.

Keywords: Cinema. Audiovisual. Theater. Cultural collectives.

Introdução: como se constrói a arte em coletivo?

O Coletivo Nós do Audiovisual completou 10 anos de atuação em 2023, somando 25 filmes produzidos[1], entre documentários e ficções. É formado por jovens e adultos de São Miguel do Gostoso[2], município de 10.222 habitantes, no litoral do Rio Grande do Norte, distante 101 quilômetros de Natal. Teve origem como resultado da parceria entre a organização não governamental CDHEC e a Heco Produções, responsáveis pela Mostra de Cinema de Gostoso. O evento cinematográfico voltado para a exibição, discussão e formação cinematográfica, é dirigido pelos realizadores Eugênio Puppo e Mateus Sundfeld[3].

> O coletivo também participa da produção da Mostra de Cinema de Gostoso onde podem colocar em prática aquilo que aprenderam em teoria nos cursos, além de continuar aprendendo através da troca que acontece com realizadores, atores e técnicos de todos os cantos do Brasil. Uma oportunidade inenarrável para esses jovens que descobriram no audiovisual uma oportunidade de crescer tanto profissional quanto pessoalmente, formando nós que podem se manter firmes por uma vida inteira.[4]

Como estratégia metodológica para compreender a atuação do coletivo, foi feito um estudo descritivo adotando como instrumentos a observação participante feita ao longo de 5 imersões na comunidade, entrevistas em profundidade com cinco

[1] Ao final do artigo, consta uma relação dos curtas produzidos pelo coletivo até 2023, a maior parte já com disponíveis com links no Youtube, outros mais recentes ainda com visualização restrita em festivais, mostras, em canais de TV ou plataformas de streaming.
[2] https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/sao-miguel-do-gostoso/panorama
[3] Ambos dirigem a produtora. https://www.heco.com.br/mostra-de-cinema-de-gostoso.
[4] Texto de apresentação no blog do coletivo Nós do Audiovisual. Disponível em: https://www.nosdoaudiovisual.com.br/.



membros do coletivo, a análise de textos produzidos no blog e nas páginas do festival, bem como levantamento da produção audiovisual dos participantes. As fotografias utilizadas fazem parte do acervo do Coletivo.

Como referências teóricas, foi estabelecido diálogo com Amaranta Cesar e Juliana Muylaert, que analisam a trajetória dos festivais Cachoeira Doc e É tudo verdade; com Albino Rubim sobre políticas culturais, desenvolvimento e cidadania cultural. Para pensar sobre juventude e organização em coletivos no Nordeste brasileiro, foi oportuno recorrer aos trabalhos de Valéria Silva e Joane Araújo.

O lugar e as origens do coletivo

Como a maioria dos pequenos municípios brasileiros, São Miguel do Gostoso apresenta diversos problemas econômicos e sociais que afetam, particularmente, a juventude. A pobreza, a desigualdade, a falta de oportunidades de emprego e renda, somadas às condições precárias de acesso à educação e saúde, faziam com que muitos jovens deixassem o município para morar na região metropolitana de Natal ou em outras grandes cidades. Com apenas trinta anos de emancipação, a cidade tem como principais atividades econômicas a agricultura, a pesca e o turismo, setor que tem crescido muito nos últimos 20 anos. Com o fortalecimento dessa atividade, crescem as contradições: surgem mais e mais pousadas, condomínios e outros empreendimentos, agravando deficiências na infraestrutura de água, esgoto, coleta e tratamento do lixo. Com a especulação imobiliária, o núcleo urbano cresce, mesmo sem o devido planejamento, aumenta a população flutuante. O impacto social é considerável, afetando de modo, particular, a juventude. Problemas ambientais ganham destaque, como a poluição nas praias e o aumento da produção de lixo sem o devido tratamento, embora existam aspectos positivos, como a diversificação de oportunidades de emprego, ampliando a atratividade para os jovens no município. No



entanto, as contradições se tornam mais graves, em grande parte devido ao choque entre o modo de vida tradicional e o modo moderno de viver e ocupar o espaço.

Para desvendar como se originou o Nós do Audiovisual, convém retomar a trajetória de duas pessoas, que desde a juventude tiveram forte protagonismo no movimento cultural da comunidade: Ricardo André Ribeiro Catarina da Silva, atualmente professor do ensino médio, e Juliana Bezerra da Silva, professora do ensino fundamental. Em 2003, foi criado o Coletivo de Direitos Humanos, Ecologia, Cultura e Cidadania, organização não governamental cujos fundadores tinham vínculos com a Igreja Católica. O CDHEC passa a ter forte atuação em diversas linguagens artísticas, oferecendo atividades formativas. Existia na cidade um grupo de teatro que realizava esquetes educativas, do qual tanto Ricardo quanto Juliana participaram, que posteriormente passou a encenar A Paixão de Cristo.

> Eu sou um fundador, vamos dizer assim, do coletivo. Eu já participava do movimento cultural quando cheguei aqui em Gostoso, comecei a participar através da igreja entre 2007 e 2009, o fundador da ONG que a gente representa que é o coletivo de Direitos Humanos padre Fábio dos Santos ele criou um ponto de cultura. Na época eu fui colaborador da parte mais da parte administrativa nesse processo. Quando ele se afastou em dois mil e doze pra dois mil e treze ele junto com Eugenio Puppo da HEco Produções em São Paulo trouxe essa proposta baseado num na construção do filme que eles fizeram em parceria que foi o filme São Miguel do Gostoso. E eu já estava bem empenhado nessa questão mais em movimento, né? Ligado ao teatro e Fábio tinha a proposta dessa parceria, pra fazer uma mostra de cinema em Gostoso, mas tendo como base um curso de formação nos mesmos moldes que a gente já 005C cvbnmtinha no teatro.[5]

Atuante no movimento comunitário, Ricardo integrou a equipe do CDHEC responsável por criar o ponto de cultura em 2007, o qual ofereceu diversas oficinas de teatro, boi de reis, pastoril e jornalismo, de 2009 a 2013. Sobre as experiências culturais que antecederam o coletivo audiovisual, comenta Juliana Bezerra:

[5] Entrevista gravada concedida aos autores em janeiro de 2024.



> Inicialmente o grupo de teatro não tinha ligação nenhuma com o CDHEC. Era apenas um grupo de teatro formado por jovens aqui no município de São Miguel do Gostoso. Principalmente jovens da área rural. E depois eu encontrei um outro grupo de teatro que foi o CDHEC e aí alguns jovens que estavam nesse curso de teatro né se juntou ao pessoal do Sedec e aí a gente deu continuidade a um segundo grupo de teatro. Nós trabalhamos a criação de peças de teatro mais voltadas pra passar informação nas comunidades. Então nós trabalhávamos o teatro pra passar a importância das pessoas terem seus documentos, identidade, CPF e junto com isso tinha campanha pra que a população fizesse essa documentação, qual é a importância de sermos registrados, existirmos através dessa documentação. Também fazíamos peças sobre conscientizações, sobre problemas de saúde, saúde bucal… era mais voltado pra isso pra isso, né? Pra educação. Falavam sobre sexualidade…[6]

Na época adolescente, Juliana é professora do ensino fundamental I e integrante do coletivo Nós do Audiovisual, desde 2022. Por retomar sua militância cultural há poucos anos, vive uma situação ambivalente. É nova no coletivo, embora tenha sido atuante nos outros grupos que de certa forma, abriram caminho para os realizadores de hoje. Deixou a vivência artística em seu lugar de origem para trabalhar como empregada doméstica e em outras Ongs, pois como os demais jovens gostosenses, teve que ajudar no sustento familiar muito cedo. Seu relato também evidencia a dificuldade de fazer arte, não só num país conservador, mas também numa pequena cidade, ao tratar de temas que causam desconforto em pessoas menos abertas à diversidade de opiniões.

As entrevistas dos dois professores, com longa atuação nas atividades comunitárias e expressivo engajamento cultural, revelam algumas das tensões que perpassam o grupo e sua relação com a cidade. Visto com certo estranhamento e algum desdém nos primeiros anos, o grupo passou a receber algum reconhecimento e ao mesmo tempo, enfrentar divergências de cunho político e religioso na comunidade. O pequeno município revela-se como uma ilustração do Brasil, com os conflitos e o tensionamento político em evidência na última década.

[6] Entrevista gravada concedida aos autores em janeiro de 2024.



Nesse contexto, em 2013 é criada a mostra e também o coletivo audiovisual, sob a parceria do CDHEC e da Eco Produções. Ricardo foi um dos articuladores nessa etapa inicial, quando predominou a participação de jovens da zona rural.

> E aí nesse momento, em 2013, quando a gente foi fazer a primeira mostra, já no começo do ano se iniciou um processo de seleção desses alunos pra essa primeira turma, e foi uma turma interessante, era uma turma noventa e nove por cento das comunidades rurais. Noventa e nove por cento das comunidades rurais. Então é um pessoal muito engajado, que queria muito, um perfil um pouco diferente da galerinha que tem aqui na praia, na sede do município. Então eu participei dessa formação inicial também mais no papel de articulador, trazendo essa experiência que eu já tinha no teatro. É que eu não sou um grande artista né (risos) o pessoal pergunta muito o que que você sabe fazer especificamente? Você toca, dança, canta, não, nada meu trabalho é articulação, é educação, formação, né? E hoje, um pouco mais de produção. Mas foi isso, nosso início foi assim. O ponto de cultura estava passando por aquele enfraquecimento e a gente achou uma oportunidade boa da gente aprender mais. Porque quem imaginaria fazer cinema numa cidade isolada como a nossa, do interior do Rio Grande do Norte? Então é uma coisa extremamente nova, mas aí teve um grupo muito entusiasta nessa formação inicial.[7]

O cinema no Rio Grande do Norte sempre foi fruto de resistência, em face da histórica fragilidade nas políticas públicas, concentração do mercado no eixo Rio-São Paulo, sem contar a concorrência predatória com o audiovisual hollywoodiano. Ocorreram experiências importantes, porém dispersas ao longo dos anos, entre as quais a participação do potiguar Gentil Roiz no ciclo do cinema mudo pernambucano, no começo do século XX, ou a produção do longa Boi de Prata, dirigido pelo caicoense Carlos Augusto Ribeiro Júnior, com apoio da Embrafilme, filmado nos anos 1970. Seria possível enumerar experiências de exibição e cineclubismo, como o histórico cineclube Tirol, ou o festival Goiamum Audiovisual ou ainda cursos técnicos ou de graduação, como aqueles ofertados pela UFRN, UERN, IFRN ou UNP[8]. Entretanto, a

[7] Entrevista gravada concedida aos autores em janeiro de 2024.
[8] As três primeiras instituições públicas, a última instituição privada. Todas têm cursos de graduação ligados à comunicação, mas só passaram a se dedicar mais especificamente ao cinema nos últimos anos..

maior parte das iniciativas localizam-se nos grandes centros, diferentemente do coletivo que começa a partir da mobilização de jovens do campo, muitos deles vindos de assentamentos ligados à luta por reforma agrária.



Foto 1: Integrantes do coletivo durante uma oficina.

O tempo, o movimento e a experiência comum

Podemos delimitar três momentos para a experiência do coletivo, tomando como referência o depoimento dos entrevistados.

- Primeiras atividades: oficinas, filmes e a mostra entre 2013 a 2016. O grupo buscava um entendimento inicial sobre as potencialidades do cinema, participando dos primeiros filmes. Isso se reflete na temática e na abordagem dada aos filmes.



- Segunda etapa: de 2017 a 2019. O coletivo vai passando por contradições mais profundas. Despontam dilemas acerca da ligação com a mostra e da autonomia dos jovens. Os jovens se deparam com as dificuldades de se manter no movimento cultural, em face da necessidade de trabalhar para ajudar a família.
- Terceira etapa: de 2020 a 2023. Vem a pandemia decorrente da Covid e suas variantes, causando forte impacto na vida das comunidades mais pobres. Fazedoras e fazedores de cultura são sensivelmente atingidos, em face da precarização do trabalho no setor. O coletivo se reestrutura, refletindo mais profundamente sobre a própria trajetória, sobre as possibilidades e perspectivas.

Entre os estudantes, Everton Cardoso da Silva é um dos remanescentes das primeiras turmas, tendo ingressado no coletivo em 2014. Participando das oficinas de História do Cinema e Produção, começou a ter um olhar diferente, compreendendo que poderia passar da plateia para a realização.

> A gente ainda estava começando a engatinhar na questão das produções. Então era uma coisa meio tipo aluno fazendo papel de adulto e tal. Aí depois de alguns anos que a gente foi melhorando essa questão de qualidade nas produções do coletivo.[9]

[9] Entrevista concedida aos autores, em janeiro de 2024.



Foto 2: Everton (primeiro à esquerda) participa de gravação com o coletivo.

Prestes a completar 10 anos com o grupo, Everton se tornou um dos que trabalham com atividades ligadas à comunicação. Hoje, alguns colegas já desenvolvem trabalhos com fotografia, vídeo, edição, jornalismo e outras funções relacionadas aos conhecimentos construídos ao longo da trajetória.

Os participantes das oficinas se engajam na produção e assumem diversas funções na produção da mostra de Cinema de Gostoso. Em 2016, não aconteceu a mostra, trazendo a questão: até que ponto o coletivo existe em função do evento cinematográfico ou atua de forma mais ampla, sem se restringir aos estímulos e às demandas da mostra? Conforme reiteram outros depoimentos, é um desafio fazer arte longe dos grandes centros e sem grandes investimentos. Em 2017, Igor Ribeiro e Clara Leal passaram a integrar o coletivo, ambos vindos da região metropolitana de Natal.



> O curso do coletivo tem três anos de duração, então a gente passa por um processo de anos, convivendo com as mesmas pessoas, recebendo inúmeras oficinas de profissionalização e enfim aí já conta, né? Não tem diploma, mas conta como algo assim pra expandir. E atualmente eu estou trabalhando com um freelancer, já trabalhei em algumas produtoras, sou fotógrafa, sou videomaker, editora e montadora. Eu também meio que faço produções culturais também porque acho que desde o ano passado, faz alguns anos que eu produzo tanto a mostra de cinema, quanto outras mostras.[10]

Depois de se iniciar no audiovisual com o grupo, Clara ingressa na graduação tecnológica em audiovisual da Universidade Potiguar. Já Igor entra no curso de audiovisual da UFRN e só depois toma parte no coletivo.

> Foi quando eu passei na UFRN visual. Aí quando eu passei pra audiovisual eu ia entrar no segundo semestre de 2017 e estava morando em São Miguel do Gostoso ainda. Ali próximo, em São José com os meus pais. E aí uma pessoa conhecida assim da minha irmã, dos meus pais disse porque você não fala pro pessoal do coletivo ali faz parte da mostra de cinema?[11]

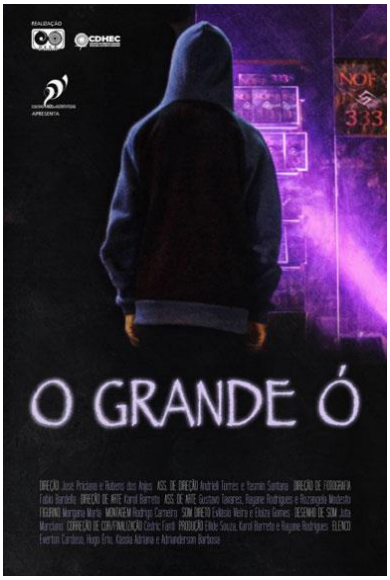

Foto 3: Cartaz de O Grande Ó, um dos filmes do coletivo

[10] Entrevista concedida aos autores em janeiro de 2024.
[11] Entrevista concedida aos autores em janeiro de 2024.



Mesmo tendo que enfrentar as deficiências nas políticas públicas, agravadas diante de um cenário político no qual forças de extrema direita emulavam a criminalização da cultura, os jovens seguiram filmando, participando de ações formativas e exibindo suas obras. Entre 2017 e 2018, mesmo com as dificuldades de financiamento, acontece um novo momento de renovação, com a agregação de mais participantes. Os filmes começam a circular por outros festivais, no Rio Grande do Norte, em outros estados e até no exterior. Em paralelo, a mostra de cinema vai se consolidando, conquistando mais público e mais prestígio. Diversos professores e realizadores ministraram oficinas: Mary Land Brito, Ana Paula Otoni, Bete Bullara, Marialva Monteiro, Pedro Medeiros, Rodrigo Almeida, entre outros. Mateus Sundfeld e Eugenio Puppo também ofereceram atividades formativas antes do festival e organizando rodas de conversa, seminários e laboratórios durante o festival.

No entanto, novos desafios estavam por vir. A ascensão neoconservadora teve repercussão em São Miguel do Gostoso, agitando grupos religiosos sob influência fundamentalista. Vereadores e outras lideranças se aproveitaram da conjuntura para tentar constranger e estigmatizar o coletivo.

> Eu acho que ali tem um pouco do lado ruim. Que por ser um grupo diverso por ter gente LGBT, de ter não católicos, sendo que a nossa origem é muito católica… o perfil dos filmes que a gente passou em algumas mostras… muito críticos, muito polêmicos. E a gente absorveu também, a gente virou um ícone da esquerda, né? Sem nenhum desejo, sem nenhuma pretensão… É até um peso pra gente isso. Ser um ícone desse pensamento de esquerda, que cresceu durante o período Bolsonaro, virou um bastião dos esquerdistas.[12]

Mesmo sem que o coletivo desejasse assumir ligações imediatas com a política, acabou por ser rotulado como um grupo de esquerda, ou de “comunistas” numa visão caricatural, condizente com o rebaixamento do debate político contemporâneo. Foi açoitado pela corrente de opinião que visava criminalizar a cultura

[12] Entrevista concedida aos autores em janeiro de 2024.

e os mecanismos de fomento. Ricardo e Eugenio Puppo tiveram que se reunir com vereadores e outras lideranças para defender o coletivo e a mostra. Ricardo relata que a exibição de filmes como Bacurau foi criticada pelas forças conservadoras na cidade.



foto 4: Eugênio (primeiro à esquerda) com os integrantes do coletivo Nós do audiovisual

Entretanto, um desafio ainda maior veio em 2020. A pandemia constituiu um obstáculo tanto para o trabalho do coletivo, quanto para o evento, em face da ameaça que ceifou mais de 700 mil vidas no Brasil, pelas estimativas mais simplórias. Estudos mais criteriosos, considerando a subnotificação e observando o excesso de mortes em 2021 e 2022, indicam que o número superou um milhão[13]. A sétima mostra, prevista para dezembro de 2020, acabou ocorrendo de forma virtual em março de

[13] Muitos estudos realizados por diversas instituições de renome, como a Fiocruz e universidades federais, chegam a essa conclusão. O artigo Excesso de mortes durante a pandemia de COVID-19: subnotificação e desigualdades regionais no Brasil estima que a subnotificação chegou a 45% apenas nos municípios de Manaus, Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo. https://www.scielo.br/j/csp/a/TjDnrpmQBftqgNhtXYPL4Kx/#:~:text=O%20maior%20excesso%20de%20mortes,IC95%25%3A%206%2D14).



2021. Trocar um imenso telão erguido na praia sob a luz da lua, com o calor de uma grande plateia e as discussões sobre os filmes pelo isolamento e a frieza de uma tela pequena de computador foi frustrante para os jovens. Mas no final de 2021, a mostra foi feita presencialmente, sinalizando que era necessário resistir. Em 2022, com novos participantes, o coletivo Nós do Audiovisual torna-se ainda mais diverso. Dele passam a fazer parte adolescentes, jovens e adultos, alguns veteranos da produção cultural como os professores Juliana e Roberto. Tudo isso, mantendo uma relação complexa, cheia de nuances com a população do município.

> E eu acho que 2022 e 2023 veio pra reconstruir essa relação que já existe, por que relação existe senão as pessoas não iriam pra praia ver os filmes todos. Existe uma relação, existe uma crítica, mas existe uma paixão. Uma relação, existe uma relação muito forte. O que é meu, eu posso falar mal porque é meu, eu vou usar uma frase de uma senhorinha da igreja da legião de Maria, colega de mamãe e minha colega também. Nessa mostra não passa um filme que presta. Mas eu não perco um dia. É uma relação de propriedade. Né? É meu. Eu posso falar mal. De fora não pode falar, não. Eu posso.[14]

Essas palavras evidenciam uma visão crítica da comunidade em relação ao Coletivo e à Mostra, que repercute na crítica que o coletivo vem fazendo sobre as próprias experiências. Essa reflexão permeia o filme *Nós do Audiovisual*[15]*,* dirigido por Maisa Tavares e Clara Leal, uma espécie de balanço das vivências e dos desafios. O filme coaduna com a entrevista de Ricardo, ao apresentar um recorte da complexidade que permeia as relações entre os jovens e a comunidade.

> Talvez você tenha visto um filme chamado Julia Porrada. Júlia faleceu semana passada e a gente fez um recorte desse filme, colocou no Instagram, no nosso blog e teve quarenta mil visualizações. Então foi uma coisa que marcou muito a cidade. Então, num momento como esse, as pessoas entendem a importância de ter um grupo como coletivo na cidade. E é um grupo de preservação de memória, da cultura, de diálogo, de conversar sobre

[14] Entrevista concedida aos autores em janeiro de 2024.
[15] NÓS DO AUDIOVISUAL. Documentário. Direção: Maisa Tavares e Clara Leal. CDHEC/Heco Produções, 2023. Livre. – ainda em circulação em festivais.

os problemas, pensar se a Miguel Gostoso. Mas é um processo muito longo, que a gente não espera reconhecimento por isso logo, se não nós não estaríamos aqui há tanto tempo. Mas é um processo que vai e vem, mas a gente entende que a turma entende nossa importância. Temos uma relação com a comunidade. Mas essa essa relação é como a relação familiar. Às vezes tá bem, às vezes está mal.[16]



Foto 6: cartaz do filme O Grande Amor de um Lobo.

Constituído por pessoas de diversas raças, orientações sexuais, religiões e idades, o Coletivo vive nesse contexto desafiador, em que se faz necessário lidar com

[16] Entrevista concedida aos autores em janeiro de 2024.



as dores e as delícias, o sucesso e a crítica, criteriosa ou não, o acolhimento e o distanciamento. Mesmo contando com o apoio e a participação dos professores Ricardo, Juliana e Roberto, ou suporte de Mateus e Eugenio, ou ainda com a colaboração de oficineiros do IFRN, da UFRN, do projeto Cineduc, não conta com o apoio continuado da prefeitura, não tem recursos que permitam a remuneração dos membros. Recebe críticas de lideranças religiosas, que preferem que a arte seja disciplinada sob os limites férreos de concepções fundamentalistas. Analisando coletivos juvenis no nordeste brasileiro, Valéria Silva (2008, p.423) assinala que:

> [...]a ação desenvolvida pelos coletivos juvenis tem evidenciado certas mudanças nas formas de organização e participação dos jovens. Tanto o modo de participar quanto os tipos de coletivos constituídos aparecem vinculados não apenas aos modelos originários de décadas anteriores, mas também expressando os novos paradigmas ou, ainda, dialogando postulados variados que se entrecruzam na atualidade.[17]

O campo amplo e complexo das organizações juvenis de hoje, da configuração de novos espaços, formas e experiências de participação traz a perspectiva de que estes sujeitos coletivos imprimem novos significados à noção de participação. Não se trata, como nos afirma Terry Eagleton sobre práticas culturais, de um processo pronto e acabado; mas de práticas socioculturais em construção, propensas e sem margens precisas ou determinadas, contrárias à absolutização (EAGLETON, 2011, p.139).

> (..) as juventudes, tomadas como um bloco monolítico por muitos, não é assim tão estranha aos temas e à importância da política e da participação. (...) é necessário problematizar os entraves da realidade concreta, da ordem sociopolítica e cultural, que delineiam o cenário político-associativo e limitam (ou invisibilizam) as demandas ou mesmo as experiências exitosas de movimentos juvenis. (ARAÚJO, 2018, p.187).

A forma como o Coletivo se constitui e se organiza foge dos caminhos já trilhados. Há um desejo em participar, em pertencer, o que instiga muitos jovens a se

[17] Entrevista concedida aos autores em janeiro de 2024.



emancipar, cultural, econômica e politicamente, embora nem sempre isso resulte em ação sistemática e organizada. O modo como seus integrantes exercem a própria subjetividade desafia padrões, desejos e interesses. Se a audiência se sente provocada por um beijo gay na novela, bem mais perturbador para o pensamento reacionário na cidade é ver filmes feitos por jovens periféricos, muitos deles pobres, alguns gays, lésbicas e transexuais que moram perto. Num lugar que há menos de 4 décadas era apenas uma pequena vila de pescadores. Tudo isso, relacionado a um evento que gradativamente se tornou um dos maiores da cidade, que reúne diversos jovens de outras localidades, realizadores de outros estados que vêm desfrutar das praias e das noites, fruir o bom cinema, em pleno exercício do hedonismo e da reflexão.

Fazer, criar, compartilhar: a imersão nos festivais

Amaranta César em seu artigo Conviver com o cinema: curadoria e programação como intervenção na história, comenta os dilemas dos eventos voltados para difusão audiovisual, durante os últimos anos, com o desmonte e a criminalização da cultura. O cinema brasileiro tem produzido obras que se aprofundam no protagonismo feminino, valorizam a cultura indígena, confrontam o racismo, o preconceito contra LGBTs. Nesse sentido, os festivais têm contribuído para a descolonização do olhar, para apresentar outras formas de ver, outros temas e outras realizadoras e realizadores, que o grande cinema comercial não valoriza. Desse modo, cresce a responsabilidade de quem é responsável pela organização e pela curadoria nesses eventos.

> Nessa trajetória, tornou-se evidente que organizar um festival de cinema, mesmo fora do centro, diz respeito a acompanhar de perto os filmes e realizadores que vão sendo inscritos na história contemporânea do cinema, tornando-se possível a interação com essa história no momento mesmo de



> sua emergência. A atividade de curadoria e programação pode ser entendida, nesse sentido, como gesto de inscrição histórica de obras e autores. Entretanto, é no avesso desse gesto que reside a constatação mais produtiva e provocadora extraída do percurso de organização de um festival de cinema marginal, ou seja, feito da margem: além de se deslocar para ver – e para dar a ver –aquilo que se tornará história, trata-se também, e talvez sobretudo, de observar de modo contínuo uma outra história: a história dos apagamentos – produzidos por perspectivas críticas que respondem, no mais das vezes, aos cânones. (CÉSAR, 2020, p. 141,142).

De forma semelhante ao Cachoeira Doc, realizado na histórica cidade do Recôncavo Baiano, realizar um festival numa pequena cidade do interior nordestino é um ato de ousadia. Buscar a descentralização do cinema, na produção, no pensamento e na exibição tem importância indelével. Não há sociedade democrática sem democratização da cultura. Isso se realiza com ações continuadas, gratuitas e construídas com ampla participação da comunidade, algo que não é tão contumaz quanto deveria.

Ainda em diálogo com Amaranta César, ações voltadas para a difusão e formação de público precisam contemplar a dialética entre o agenciamento de visibilidades e apagamentos. Pensar numa programação que alargue os horizontes cinematográficos do público, gera questionamentos, o que estimula usos criativos da linguagem audiovisual. Há uma dimensão política na seleção de filmes, na forma como são exibidos, comentados e analisados, o que pode ocasionar saltos no entendimento da arte cinematográfica. Já Juliana Muylaert questiona a capacidade que encontros cinematográficos como o É Tudo Verdade têm de formar cânones, isto é, um conjunto de filmes referenciais para estudantes, críticos e cineastas, para diversos públicos. Trata-se de celebrar o cinema como experiência intelectual coletiva, em contraponto ao visionamento individual, tão recorrente num tempo marcado pelas multiplicidades de telas e pela banalização das imagens.

A experiência do coletivo Nós do Audiovisual se relaciona com a criação e a consolidação da Mostra de Cinema de Gostoso, de forma que é possível compreender o encontro como laboratório imersivo para os jovens realizadores. É o grande

momento de exibição das obras para a comunidade, que estabeleceu uma relação especial com a produção do coletivo. São os filmes mais aguardados, mais assistidos, pois há uma profunda relação de pertencimento e de reconhecimento. Boa parte da população anseia por se ver representada na tela, a despeito de todas as críticas e divergências, cabíveis ou não, aprofundadas ou superficiais. Durante a observação participante realizada pelos autores, foi possível observar uma forte presença da população gostosense nas exibições: adultos, crianças, idosos, muitas vezes interagindo, rindo, reconhecendo lugares e pessoas.



Foto 4: exercício de caracterização de personagem

Essa experiência multidimensional, na qual a educação se une ao fazer cinematográfico, à fruição e a novas poéticas audiovisuais, se relaciona à busca por uma cidadania cultural. É retomado o princípio segundo o qual o direito humano à cultura pressupõe o acesso a condições materiais garantidas por políticas públicas. Lembremos que o coletivo também esteve relacionado a um ponto de cultura e o festival conta com subsídios decorrentes das leis de incentivo. Trata-se de compreender que o acesso democrático e pleno à expressão cultural não é uma abstração, mas sim um fundamento que deve se concretizar no cotidiano das pessoas que habitam as periferias.



> Na compreensão de Célio Turino, coordenador do programa, o Cultura Viva se volta para aqueles que denomina de "os sem Estado", ou seja, os milhares de brasileiros e brasileiras que não acessam os direitos básicos da cidadania, inclusive o cultural. (RUBIM, 2007 c, p. 54).

Rubim prossegue mencionando a busca por um *Estado ampliado*, no qual a cultura seja meio de cidadania e, podemos acrescentar, de soberania. Nos dizeres de Célio Turino, criador do Cultura Viva, o programa promove

> o acesso aos meios de formação, criação, difusão e fruição cultural, cujos parceiros imediatos são agentes culturais, artistas, professores e militantes sociais que percebem a cultura não somente como linguagens artísticas, mas também como direitos, comportamento e economia. (TURINO, [s/ d], p. 15).

Instigar os jovens a fazer cultura de forma altiva e crítica, como exercício da autonomia deve ser uma prerrogativa de políticas públicas de Estado, contribuindo para os fundamentos de uma democracia sólida.

Considerações finais: já estou maduro de tanto cair!

As palavras de Seu Menininho, morador da comunidade e ator em algumas produções, ecoam no filme *Nós do Audiovisual*, mas também vibram no presente artigo. Erros, desvios, faltas são inerentes à trajetória do aprender e do fazer artístico. O humor nessas palavras não esconde a riqueza da experiência. "No dia que foram passar o filme, não levou 30 segundos. Levei tanta queda... quase pra nada." Despretensiosamente, ele sugere que tanto o coletivo quanto uma parte da comunidade conquistaram uma percepção mais profunda do fazer cinematográfico, ao vivenciarem a dialética entre o processo de produção e a obra finalizada.



Entre o religioso e o profano, entre a tradição e a ruptura, o Coletivo Nós do Audiovisual se configurou como um dos mais prolíficos e ao mesmo tempo um dos mais representativos, não só do Rio Grande do Norte, mas também do Brasil. Se ao longo dos últimos 25 anos, o cinema potiguar começa a superar o véu que invisibilizava seu potencial criativo - concretizado apenas parcialmente - isso se deve em larga medida aos coletivos. A contribuição dos jovens gostosenses foi notável, remetendo a outros grupos em atuação no Rio Grande do Norte, como o Caboré e o Caminhos. São Miguel do Gostoso tem se apresentado como um dos polos que evidenciam a interiorização do cinema no estado, a exemplo de Caicó e Mossoró.

O Coletivo se encontra num momento de avaliar criticamente a própria trajetória, vislumbrando as perspectivas e os novos dilemas. Depois de 25 filmes, uma série documental e 52 oficinas, cabe contemplar novos horizontes. Entre tantas ações, ultrapassando uma década, 148 jovens passaram pelo grupo, imergindo nas possibilidades cinematográficas de uma forma inimaginável antes de 2013. A questão da independência se apresenta: até que ponto devem restringir ou orientar suas iniciativas exclusivamente pela mostra? É possível viver de cinema? É possível fazer cinema numa cidade onde não há salas permanentes de cinema?

Hoje, cerca de 35 pessoas fazem parte do coletivo, considerando que alguns jovens vêm e vão, conforme o caráter aberto do coletivo. Já não são apenas adolescentes entre os 15 e os 18 anos como no começo, há adolescentes, jovens e adultos, conforme a fluidez de organizações informais. Alguns filmes atingiram visibilidade muito expressiva, como O Grande Amor de um Lobo, vencedor do festival de Los Angeles e exibido no Canal Brasil. Ou Filho de Peixe em exibição no Canal Futura, ou ainda Papa Jerimum selecionado para a Mostra Ecofalante e O Menino da Caixa Misteriosa, na programação do Festival de Cinema Infantil de Florianópolis. Longe de encontrar um mar tranquilo para navegar sem arrecifes ou calmarias, a viagem também foi marcada por tormentas, quase fins, semi naufrágios. No entanto, persiste o desejo cinematográfico, uma ânsia pelo cinema-ser, como pensava Marcel



Martin, um cinema que transcenda o domínio burocrático da linguagem, que ilumine de forma inaudita as telas.

Referências:

ARAÚJO, Joane. *Breve panorama:* juventude, e participação - das juventudes militantes das décadas de regime militar às juventudes de hoje - contextos, motivações, ações e desafios. In: COSTA, João Bosco Araújo da. SILVA, Maria Aparecida Ramos da. Juventude, cultura e política. Natal: Caravelas, 2018.

CESAR, Amaranta. Conviver com o cinema: curadoria e programação como intervenção na história". In: CESAR, Amaranta; MARQUES, Ana Rosa; PIMENTA, Fernanda; COSTA, Leonardo (org.). Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc. Salvador: Edufba, 2020,p. 137-155.

EAGLETON, T. *A ideia de Cultura.* São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MUYLAERT, Juliana. *A Contribuição do Festival É Tudo Verdade ao Cânone do Documentário Brasileiro*. In: Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento, v. 8, 2021, p. 219-244.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Políticas culturais*: entre o possível e o impossível. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org.). Teorias & políticas da cultura: visões multidisciplinares. Salvador: Edufba, 2007a.

_____. *Políticas culturais no Brasil:* tristes tradições. Revista Galáxia, São Paulo, n. 13, jun. 2007b, p. 101-113.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre. *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: Edufba, 2007c.

SILVA, Valéria. *Coletivos juvenis no Nordeste brasileiro:* breve configuração. In: REIS, V. (org.). Juventudes do Nordeste do Brasil, da América Latina e do Caribe. Teresina: EDUFPI; Brasília: FLACSO, 2009.



TURINO, Célio. *Desescondendo o Brasil profundo.* In: cultura viva – programa nacional de cultura, educação e cidadania – 2. ed.. Brasília: Ministério da Cultura, s/ d. p. 15-17.

Filmografia do coletivo Nós do Audiovisual

Alguns filmes não apresentam link público, pois estão em circulação em festivais ou em exibição televisiva.

• NÓS DO AUDIOVISUAL. Documentário. Direção: Maisa Tavares e Clara Leal. CDHEC/Heco Produções, 2023. Livre. – ainda em circulação em festivais.
• MAREMOTO. Ficção. Direção: Cristina Lima e Juliana Bezerra. CDHEC/Heco Produções, 2023. Livre. – ainda em circulação em festivais.
• BARRAQUEIROS. Documentário. Direção: Bruna Farias e Maisa Tavares. CDHEC/Heco Produções, 2022. Livre. – ainda em circulação em festivais.
• ARREBENTAÇÃO. Ficção. Direção: Cristina Lima e Roberto de Lima. CDHEC/Heco Produções, 2022. 12 anos. – ainda em circulação em festivais.
• MESTRE MARCIANO. Documentário. Direção: Igor Ribeiro e Rubens dos Anjos. CDHEC/Heco Produções, 2021. Livre. Link: https://youtu.be/Cba7-rOBZNo?si=ZGREFGLFEJ-iYNY
• PAPA JERIMUM. Documentário. Direção: Harcan Costa e Clara Leal. CDHEC/Heco Produções, 2021. Livre. Link: https://youtu.be/tOrNJHLtZ20?si=37swr1eCc0ttEQi9
• ANDO ME PERGUNTANDO. Ficção. Direção: Clara Leal. CDHEC/Heco Produções, 2019. Livre. Link: https://youtu.be/r10d8zHLG68?si=1LrpTXN0yySecg7j
• JÚLIA PORRADA. Documentário. Direção: Igor Ribeiro. CDHEC/Heco Produções, 2019. Livre. Link: https://youtu.be/w273S16NI2s?si=zsUAxGshmGOihq7p
• CARTA BRANCA. Ficção. Direção: Rubens dos Anjos e Levi Jr.. CDHEC/Heco Produções, 2019. Livre. Link: https://youtu.be/5yKw8p3oqyQ?si=xZeefV9kgr5paXHM
• LABIRINTEIRAS. Documentário. Direção: Renata Alves. CDHEC/Heco Produções, 2019. Livre. Link: https://youtu.be/ooTodE7NhbU?si=_FLnt717hImUNwWe
• FILHO DE PEIXE. Documentário. Direção: Igor Ribeiro CDHEC/Heco Produções, 2018. Livre. Link: https://youtu.be/aOg0cFuIyVI?si=kKod3vYJHTCrwJDo



• MEDO É UMA MOITA. Ficção. Direção: Coletivo Nós do Audiovisual. CDHEC/Heco Produções, 2018. Livre. Link: https://youtu.be/Las8_DaUV-k?si=u8zYssuewFd4mWQc
• DERRADEIRO. Ficção. Direção: Renata Alves. CDHEC/Heco Produções, 2018. Livre. Link: https://youtu.be/R6zCuo7FmzU?si=TboTze4UZOgbMjTQ
• AUTÔMATO DO TEMPO. Ficção. Direção: Rubens dos Anjos. CDHEC/Heco Produções, 2018. Livre. Link: https://youtu.be/VdJA_SECMX8?si=yPRlqloR-JNQJVag
• O GRANDE AMOR DE UM LOBO. Ficção. Direção: Adrianderson Barbosa e Kennel Rogis. CDHEC/Heco Produções, 2018. Livre. Link: https://youtu.be/l4U4shAgKKc?si=UlvuVza2Rit1yc9
• OS DOIS LADOS DO LIXO. Documentário. Direção: Everton Cardoso. CDHEC/Heco Produções, 2017. Livre. Link: https://youtu.be/yX5M45DjORs?si=CA_sVs58lwUmV_ax
• O GRANDE Ó. Ficção. Direção: José Priciano e Rubens dos Anjos. CDHEC/Heco Produções, 2017. Livre. Link: https://youtu.be/GKUCjd0c1UM?si=b815q-85EvY9Ue5f
• MOEDA GOSTOSO. Documentário. Direção: José Priciano. CDHEC/Heco Produções, 2017. Livre. Link: https://youtu.be/r8NPYFCChyQ?si=jPEgFYHBxjaFLfoZ
• FLÔZINHA. Ficção. Direção: José Priciano. CDHEC/Heco Produções, 2015. Livre. Link: https://youtu.be/TqVbF3ALOT0?si=BBx9PFwjH3WVE0xO
• O PAI DA NOITE. Ficção. Direção: Artísio Silva e Andrieli Torres. CDHEC/Heco Produções, 2015. Livre. Link: https://youtu.be/_GRxA-XwEr4?si=33AC8VgwTkeB9wwF
• O MENINO E A CAIXA MISTERIOSA. Ficção. Direção: Leonardo Maximiano e Andrieli Torres. CDHEC/Heco Produções, 2015. Livre. Link: https://youtu.be/184VheHYHFA?si=BE42SlKy5mDv3k_4
• À PROCURA DO SOL. Ficção. Direção: Rozangela Modesto. CDHEC/Heco Produções, 2015. Livre. Link: https://youtu.be/2Ew3NUD9XRQ?si=5El6CZACFrGYcUsY
• ENTRE LONAS. Ficção. Direção: Everton Cardoso, José Edvan e Leonardo Maximiano. CDHEC/Heco Produções, 2014. Livre. Link: https://youtu.be/uWxYwJS6GmI?si=rOwzBmWeb6mNosLk
• PROMESSAS. Documentário. Direção: Girlana Fernandes e Larisson Lucas. CDHEC/Heco Produções, 2014. Livre. Link: https://youtu.be/zQZtZ_KTuMI?si=s0kRHyj6I4CMnZM4



• O CONTADOR DE CAUSOS. Ficção. Direção: Clenilson Monteiro, Ério Matos, Josimar Araújo, Klicia Cristina, Larisson Lucas, Leonardo Maximiano, Lívia Bento, Maxson Soares e Nayara Cirino. CDHEC/Heco Produções, 2013. Livre. Link: https://youtu.be/SsSbS-ViW4?si=j_c6ytdEUWBiIqqd

Ruy Alkmim Rocha Filho
Graduado em Jornalismo (Unp/2001), mestre (UFRN/2005) e doutor em Ciências Sociais (UFRN/2016). Realiza estágio pós doutoral no Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da UNB (2023). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordena a Especialização em Produção de Documentários da UFRN. Foi presidente da ABDeC/RN. Diretor de promoções culturais, sociais e científicas do Adurn-sindicato.Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Audiovisual, atuando principalmente nos seguintes temas: Documentário, Televisão, Linguagem Audiovisual, Legislação e Políticas Públicas para o cinema e audiovisual.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6341-0643
E-mail: jornalrocha@gmail.com

Joane Dos Santos Araújo
Professora da rede estadual do Ceará. Doutorando em sociologia pela UFRN.
E-mail: joanearaujo@yahoo.com.br

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 05 de fevereiro de 2024
Aceito em 18 de março de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.



Baseado no trabalho disponível
em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/